

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA**

THAÍS LIMA PAIVA

ERA UMA VEZ...A LITERATURA INFANTIL NAS AULAS DE MÚSICA

São Luís
2019

THAÍS LIMA PAIVA

ERA UMA VEZ...A LITERATURA INFANTIL NAS AULAS DE MÚSICA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, como requisito de conclusão de curso

Orientador: Prof. Me. João Costa Gouveia Neto.

São Luís

2019

Paiva, Thaís Lima.

Era uma vez...a literatura infantil nas aulas de música / Thaís Lima Paiva.
– São Luís, 2019.

51 f, il. color.

Monografia (Graduação) – Curso de Música, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Prof. Me. João Costa Gouveia Neto.

1.Educação musical. 2.Literatura infantil. 3.Ensino fundamental.
4.Interdisciplinaridade. I.Título

CDU: 78:[37:82-93]

THAÍS LIMA PAIVA

ERA UMA VEZ...A LITERATURA INFANTIL NAS AULAS DE MÚSICA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, como requisito para conclusão de curso

Orientador: Prof. Me. João Costa Gouveia Neto.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. João Costa Gouveia Neto (orientador)
Universidade Estadual do Maranhão

Prof. Me. Ciro de Castro
Universidade Estadual do Maranhão

Prof. Esp. Abraão Abreu Estrela
Universidade Estadual do Maranhão

À Deus Todo-poderoso

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço de forma única e especial a Deus, sem Ele não teria chegado até aqui, pois Ele sabe de todas as minhas limitações.

A minha mãe Maria do Carmo e a minha irmã Talita por me incentivarem e nunca me fazerem desistir.

A querida Nice, que além de secretária do curso é também uma grande amiga, que levo para a vida, sempre disposta a ajudar os alunos.

Ao professor João Gouveia, meu orientador e um grande professor com quem tive a honra de estudar e aprender.

Aos meus queridos amigos de turma 2015.1 com quem tive o prazer de estudar e conviver todos esses anos.

A minha grande amiga Nadienne Cruz, que sempre esteve comigo nas horas alegres e tristes.

Ao grande flautista Lucas Chagas, por sua ajuda e apoio de sempre.

A minha doutora querida, Jucilene que com suas conversas sempre me ajudou muito e tirou muitas dúvidas para o tema e escrita.

A Hans Cristian Andersen (*in memoriam*) um autor inesquecível, pela inspiração de sempre.

A Tchaikovsky (*in memoriam*) um compositor inesquecível, pela inspiração de sempre.

*A maioria dos adultos esqueceram o que é
ser uma criança, eu consigo me lembrar
perfeitamente como era, estou certo que sim.*

Roald Dahl

RESUMO

Este trabalho busca fazer um estudo da literatura infantil no ensino da música, por meio da interdisciplinaridade, na educação musical no ensino fundamental. Para tanto estudamos o nascimento da literatura infantil, bem como as características pedagógicas desta literatura. Examinamos os aspectos interdisciplinares relacionados a música, assim como da educação musical e as características desta no primeiro ciclo do ensino fundamental. A aplicação da pesquisa foi realizada na Unidade de Ensino Básica – Maria Rocha, uma escola de ensino fundamental, na cidade de São Luís/MA, durante as aulas do período de estágio supervisionado obrigatório. Trata-se de um trabalho que procura aprimorar a interdisciplinaridade da educação musical, buscando a literatura infantil como um instrumento positivo para isso.

Palavras-Chave: Educação Musical. Literatura Infantil. Ensino Fundamental. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This work seeks to make a study of children's literature in music classes, from the use of interdisciplinarity in music education in elementary school. Therefore, we studied the birth of children's literature, as well as the pedagogical characteristics of this literature. We deepen the interdisciplinary aspects related to music, as well as the musical education and the characteristics of this in the first cycle of elementary school. The research was conducted in the Basic School Unit - Maria Rocha, an elementary school in the city of São Luís/MA, during the classes of the mandatory supervised internship period. It is a work that seeks to improve the interdisciplinarity of musical education, seeking children's literature as a positive instrument for this.

Keywords: Music Education. Children's Literature. Elementary School. Interdisciplinarity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - As Meninas de Diego Velázquez (1656).....	13
Figura 2 - Charles Perrault.....	14
Figura 3 - Jean de La Fontaine	15
Figura 4 - Irmãos Wilhelm e Jacob Grimm.....	16
Figura 5 - Hans Christian Andersen	17
Figura 6 - Pombinha Branca: A Espera.....	30
Figura 7 - Igor, o passarinho que não sabia cantar.....	30
Figura 8 - Os músicos de Bremen (GRIMM; GRIMM, 2008).....	30
Figura 9 - Coral dos Bichos (Belinky, 2000).....	31
Figura 10 - Pedro e o Lobo (Prokofiev, 2011)	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A LITERATURA INFANTIL E A MÚSICA.....	12
2.1	A história da literatura infantil.....	12
2.2	Música, literatura infantil e interdisciplinaridade	18
2.3	A Função pedagógica da literatura infantil	20
2.4	A contação de história em sala de aula.....	23
3	A EDUCAÇÃO MUSICAL NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	25
3.1	O ensino de Arte nos anos iniciais do ensino fundamental.....	25
3.2	O Ensino da Música nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	27
3.3	Os livros de Histórias e o Ensino da Música	29
4	A UTILIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NAS AULAS DE MÚSICA: uma experiência na Unidade de Ensino Básica – Maria Rocha.....	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

A música é uma linguagem artística imensamente presente em nosso cotidiano, capaz de conquistar e engradecer a mente de quem a escuta. Enquanto educação musical, ela se faz necessária para o completo desenvolvimento do aluno, melhorando sua concentração, interação, atenção, o desenvolvimento da criatividade, aguçando a percepção sonora, entre outros.

O professor de música necessita do uso de inúmeras ferramentas didáticas para que suas aulas sejam proveitosas, assim proporcionando aos alunos os benefícios da educação musical. A interdisciplinaridade pode ser de grande ajuda no ensino- aprendizado musical, pois ela propicia liberdade ao docente, de modo que ele possa utilizar uma outra área do conhecimento como ferramenta de ensino em suas aulas.

É sobre esta prática que esta pesquisa discorre, assim discutimos o uso da literatura infantil como ferramenta interdisciplinar nas aulas de música no ensino fundamental, pois a literatura infantil possui características únicas e eficientes que podem ser de grande ajuda em um processo de aprendizado.

A música é uma área do conhecimento que desde os seus primórdios possui relação direta e continua com diversas outras áreas, bem como com as outras linguagens artísticas e quando se trata da educação musical propriamente dita, as possibilidades de relações não são diminuídas, ao contrário, são estimuladas pelos próprios documentos que regem a educação, como por exemplo os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental, todas essas afirmações contribuirão ainda mais para o desenvolvimento deste trabalho.

Acreditamos que o estudo desta temática é de relevância para a educação musical, pois apresenta outra abordagem de ensino, estimulando as ações interdisciplinares na educação básica e o uso propriamente dito da literatura infantil nas aulas de música no ensino fundamental. Esperamos que este estudo faça avançar o conhecimento na área da educação musical e nas discussões relativas à literatura e música, suscitando novas pesquisas que possam abordar essa problemática.

Os procedimentos metodológicos deste trabalho caracterizam-se por uma pesquisa bibliográfica, na qual utilizamos livros, artigos e monografias pertinentes ao tema e por uma pesquisa de campo, mais especificamente uma pesquisa-ação, na qual atuamos durante a situação investigada, ministrando aulas no estágio curricular

obrigatório no ensino fundamental. O lócus da pesquisa foi a escola municipal Unidade de Ensino Básica – Maria Rocha, localizada no bairro Areinha em São Luís, Maranhão.

Organizamos este trabalho em três capítulos. O primeiro introduz nosso estudo tratando da parte histórica da literatura infantil, nos auxiliaram neste ponto Ariés (1986), Souza (2016) e Postman (2011). Ainda no primeiro capítulo tratamos do que é interdisciplinaridade, a partir dos conceitos de Fazenda (2005) e Paviani (2008), e sua relação com a música. Continuamos nossa escrita, aprofundando sobre a função pedagógica da literatura infantil com base em Coelho (2000), Cadermartori (2010) e Zilberman (2012) e finalizamos o capítulo discorrendo sobre a importância da contação de histórias.

No segundo capítulo tratamos especificamente do ensino de arte, bem como do ensino da música no ensino fundamental menor, usamos neste ponto o auxílio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) para o ensino fundamental menor e das ideias de Loureiro (2003), em nosso último tópico neste capítulo falamos dos livros de histórias infantis que fazem relação com temas musicais, Ponso (2011) e Asseburg (2009) foram de grande importância nesta parte da escrita.

Em nosso terceiro e último capítulo deste trabalho, contamos o relato da aplicação da pesquisa na Unidade de Ensino Básica – Maria Rocha, bem como de forma detalhada cada aula que ministramos, as histórias da literatura infantil que usamos e as temáticas musicais escolhidas e trabalhadas.

2 A LITERATURA INFANTIL E A MÚSICA

2.1 A história da literatura infantil

A literatura infantil é nosso ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho, ela é o instrumento principal utilizado por nós para o ensino- aprendizagem da educação musical no ensino fundamental. Para entendermos os motivos de a literatura infantil ser um instrumento capaz de ensinar, faz-se necessário iniciar nosso estudo por sua história.

Antes de tratarmos da história da literatura infantil, precisamos falar da história da criança, pois através do desenvolvimento da autonomia e da importância desta em sociedade que surgiram os livros direcionados a ela. Philippe Ariés, em seu livro História social da criança e da família (1986) nos fala o contexto no qual viviam, afirmando que a “sociedade via mal a criança, pois:

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude (ARIÉS, 1986, p. 10).

A total insignificância dada a criança e a naturalidade com que isso acontecia, difere e muito das nossas ideias contemporâneas sobre infância. A sociedade atribuía uma enorme importância ao homem já crescido, ao adulto, ser criança até o século XVII significava ser um adulto em tamanho menor. Ariés (1986) conta que até mesmo em casos extremos havia uma solução simples, quando se tratava das crianças, já que:

As pessoas se divertiam com a crianças pequenas como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois uma outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato (ARIÉS, 1986, p.10).

A imagem a seguir, demonstra de maneira eficaz como era a representação das crianças até o século XVII. A obra do pintor espanhol Diego Velázquez (1599 – 1660), nos mostra algumas crianças com trajes adultos e com penteados que não se adequam a suas possíveis idades.

Figura 1 - As Meninas de Diego Velázquez (1656)



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Meninas_\(Vel%C3%A1zquez\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Meninas_(Vel%C3%A1zquez))

Durante a Idade Média “não havia uma literatura infantil, nem mesmo livros de pediatria, a linguagem era a mesma tanto para adultos quanto para crianças” (LUSTIG; CARLOS; MENDES; OLIVEIRA, 2014, p.5). Isso demonstra um descuido no campo educativo também e confirma até aquele momento a ausência da literatura infantil, como fala Postman (2011):

[...] no mundo medieval não havia nenhuma concepção de desenvolvimento infantil, nenhuma concepção de pré-requisitos de aprendizagem sequencial, nenhuma concepção de escolarização como preparação para o mundo adulto (POSTMAN, 2011, p.29).

O século XVII trouxe significativas mudanças nos estudos sobre a criança, inicia-se “[...] os primeiros estudos sobre a psicologia infantil. Estes estudos buscavam compreender melhor a mente da criança para melhor adaptar os métodos utilizados na educação” (LUSTIG; CARLOS; MENDES; OLIVEIRA, 2014, p.8).

No campo da arte ocorreu outra mudança perceptível, Ariés (1986, p.65) conta: “Foi no século XVII que os retratos de crianças sozinhas se tornaram numerosos e comuns” e continua “os retratos de família, muito mais antigos, tenderam a se organizar em torno da criança, que se tornou o centro da composição” a criança começou a ser notada, não mais como uma miniatura do adulto, mas com a importância que merecia e este período da história se consolida como ponto crucial: [...] tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do século XVI e durante o século XVII” (ARIÉS, 1986, p. 65).

É notório o interesse pelo mundo infantil em diversas áreas do conhecimento, na literatura isto também ocorre, até então “não havia preocupação com tabus e os contos eram narrados livremente de maneira explícita” (SOUZA, 2016, p.13). Sendo assim, algumas mudanças precisavam ser feitas, Gerona e Marangon (2012) nos conta os detalhes, pois:

[...] não eram histórias exclusivamente para crianças, sendo suas estruturas contadas de uma maneira não adequada ao tipo de público. Foi então que houve a necessidade de mudança ou de adaptação para os menores (GERONA; MARANGON, 2012, p.31).

O francês Charles Perrault (1628- 1703) tem grande relevância neste momento da literatura infantil, na época “coleta contos e lendas da idade média e adapta-os ” (CADEMARTORI, 2010, p.51). Os contos que eram transmitidos oralmente, foram coletados por Perrault e lapidados.

Figura 2 - Charles Perrault



Fonte: <https://www.mutualart.com/Artwork/Portrait-de-Charles-Perrault/6EFF6A911ED25A19>

Souza (2016, p.15) conta-nos detalhes das adaptações feitas por Perrault “Ele suprimiu as passagens obscenas e repugnantes, com conteúdo como incesto, sexo grupal e canibalismo”. O que Perrault fez foi de extrema importância, não somente para seus contemporâneos, mas também para as gerações futuras.

De acordo com Cademartori (2010), deve-se a Perrault o início da literatura infantil, pois além de coletor e adaptador, suas obras “vinculam-se a pontos básicos da questão da natureza do gênero como, por exemplo, a preocupação com o didático e a relação com o popular” (CADEMARTORI, 2010, p.51)

Seus contos têm apelo didático uma vez que “são marcados pela preocupação de fazer uma arte moralizante através de uma literatura pedagógica” (CADEMARTORI, 2010, p.52), já a relação com o popular motiva-se da própria origem das histórias, pois eram:

Caracterizadas, no início da narrativa, pelo estado de precariedade, suas personagens tornam-se triunfantes no final, estereótipo que se encontra na maioria dos contos orais e que refletem, sem dúvida, as tensões e as soluções sonhadas pelos camponeses (CADEMARTORI, 2010, p.52).

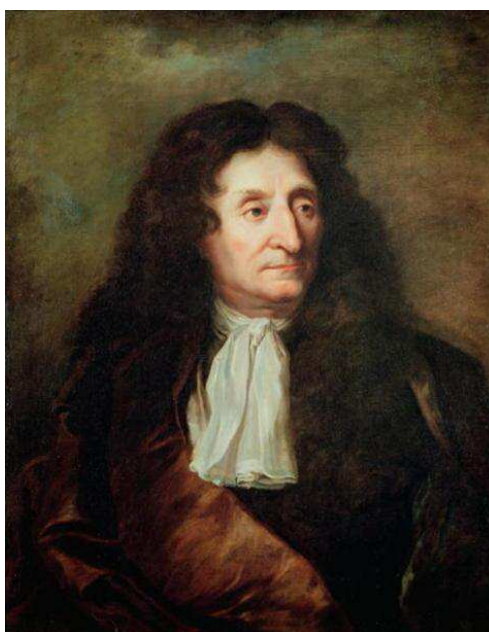
O papel de Perrault tornou-se essencial para toda a estruturação da literatura infantil. Através de seu trabalho esse gênero literário possui características fundamentais no trato com as crianças.

Ele não somente fez uma coletânea de contos, mas também os lapidou, organizou a função pedagógica e a relação com o popular. Por esses motivos “[...] a Literatura Infantil nasceu com Charles Perrault” (COELHO, 2008, p.29).

Não podemos deixar de falar Jean de La Fontaine (1621 -1695), contemporâneo de Perrault, o francês dedicou-se especificamente as fábulas, contribuiu para o acervo das histórias infantis e sua organização, Coelho (2008, p.28) fala do trabalho de La Fontaine, como segue:

Na mesma época, outro intelectual de prestígio na corte francesa, Jean de La Fontaine, dedica-se ao resgate das historietas moralistas, guardadas pela memória popular: as *Fábulas*. Mas sua recolha não se vale apenas dessa memória. Ele procura fontes documentais da Antiguidade: Grécia (*Fábulas de Esopo*); Roma (*Fábulas de Fedro*); parábolas bíblicas, coletâneas orientais e narrativas medievais ou renascentistas (COELHO, 2008, p.28).

Figura 3 - Jean de La Fontaine



Fonte: <https://www.magnoliabox.com/products/jean-de-la-fontaine-xir173142>

O papel de Jean de la Fontaine, não foi tão significativo na estruturação do gênero infantil como Perrault, mas não podemos é claro desprezar sua função determinante na coleta das histórias. Um século depois na Alemanha os irmãos Jacob (1785 -1863) e Wilhelm Grimm (1786 – 1859) surgem com grande significado na literatura infantil, as palavras de Coelho (2008) relatam disso, pois:

Participantes do Círculo Intelectual de Heidelberg, os Grimm – filósofos, folcloristas, estudiosos da mitologia germânica empenhados em determinar a autêntica língua alemã (em meio aos numerosos dialetos falados nas várias regiões germânicas) – entregam-se à busca das possíveis invariantes linguísticas, nas antigas narrativas, lendas e sagas que permaneciam vivas, transmitidas de geração para geração, pela tradição oral [...] em meio à imensa massa de textos que lhes servia para os estudos linguísticos, os Grimm foram descobrindo o fantástico acervo de narrativas maravilhosas, que, selecionadas entre as centenas registradas pela memória do povo, acabaram por formar a coletânea que é hoje conhecida como Literatura Clássica Infantil (COELHO, 2008, p.29).

Coelho (2008) relata de maneira precisa as atividades desempenhadas por esses irmãos na Alemanha do século XVIII, apreciadores da língua alemã, partiram em busca de um objetivo e acabaram por encontrar outro.

Figura 4 - Irmãos Wilhelm e Jacob Grimm



Fonte: <http://www.25dejulho.org.br/2012/02/bruder-grimm.html>

Não desprezaram o imenso tesouro que tinham em mãos, mas os transformaram na Literatura Clássica Infantil, que são as histórias “que persistem no tempo, passam de geração em geração, tornam-se inesquecíveis.” (BRASIL, 2011, p.04).

Os irmãos Grimm também precisaram fazer adequações em seus contos, assim “retiraram episódios de demasiada violência ou maldade, principalmente aqueles que eram praticados contra crianças.” (COELHO, 2008, p.29).

O gênero que nasceu no século XVII, segue no XVIII e chega ao XIX, para mais um importante nome na sua história o do dinamarquês Hans Christian Andersen (1805 – 1875), Coelho (2008, p. 30) conta que Andersen escreveu suas histórias contagiado pelo Romantismo que imperava na época, pois estava:

Sintonizado com os ideais românticos de exaltação da sensibilidade, da fé cristã, dos valores populares, dos ideais da fraternidade e da generosidade humana, Andersen se torna a grande voz a falar para as crianças com a linguagem do coração; transmitindo-lhes o ideal religioso que vê a vida como o “vale de lágrimas” que cada um tem de atravessar para alcançar o céu (COELHO, 2008, p.30).

Figura 5 - Hans Christian Andersen



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sexualidade_de_Hans_Christian_Andersen

Sobre Andersen percebemos uma característica ainda mais singular quanto aos seus antecessores: “Ele foi mais além e criou várias histórias novas, seguindo o modelo dos contos tradicionais, mas trazendo sua marca individual e inconfundível – uma visão poética misturada com profunda melancolia” (FREIBERGER, 2010, p,13).

Percebemos como cada autor imprimiu sua marca em seus contos e na história da literatura infantil. Embora todos fizessem coletas e pesquisas, cada um teve uma característica singular a acrescentar ao gênero, por isso fazer-se tão necessário mencioná-los.

2.2 Música, literatura infantil e interdisciplinaridade

A música sempre esteve ligada ao ser humano, por esse motivo, ela se mistura com as sociedades e suas histórias, podemos considerar então a música como uma área interdisciplinar, pois está ligada a outras áreas do conhecimento. A interdisciplinaridade surge assim como uma ferramenta que auxilia na aplicação do ensino musical em conjunto com outras disciplinas, em nosso caso, com a literatura infantil.

Quando os professores de música tomam conhecimento de toda essa capacidade pedagógica da literatura infantil, podemos utilizá-la em nossas aulas numa abordagem interdisciplinar e adquirir por parte dos alunos um aprendizado bem mais significativo, visto que:

O fenômeno da relação entre diferentes campos do conhecimento (envolvendo não só ciências, mas também a filosofia e outros tipos de saber) tem recebido diversas nomenclaturas, tais como multidisciplinaridade, transdisciplinaridade, pluridisciplinaridade, multirreferencialidade e interdisciplinaridade. Todas essas designações expressam basicamente a mesma ideia: de que há conceitos e objetos de estudo comuns aos diversos campos do conhecimento humano; de que conceitos e arcabouços teóricos de uma área podem ajudar na solução de questões inerentes a outra área, e vice-versa. (FUCCI AMATO 2010, p.36)

Apesar de todos esses termos partirem numa mesma linha de pensamento, eles não são iguais, nesta pesquisa tratamos diretamente com a interdisciplinaridade, que é “uma modalidade de aplicação de conhecimentos de uma disciplina em outra” (PAVIANI, 2008, p.14), visto que utilizamos a literatura na música.

Essa área vai além de somente usar conhecimento, ou seja, “é a substituição de uma concepção fragmentária para unitária do ser humano. [...] É uma atitude de abertura, não preconceituosa, onde todo conhecimento é igualmente importante”, (FAZENDA, 2005, p.8). Não devemos limitar o uso de conhecimentos por achá-los insignificantes ou impróprios, mas analisar em outra perspectiva, a da contribuição do conhecimento e progresso.

Japiassú (1976) compreende que a troca de informações entre disciplinas do saber é condição essencial, mas não suficiente para a interdisciplinaridade, que só se efetiva quando a intercomunicação entre áreas do conhecimento provoca mudanças sensíveis nessas próprias áreas e em sua interação.

De maneira sucinta, além de empregar a literatura infantil e suas características de modo a contribuir no conhecimento musical, a efetiva interdisciplinaridade só será

alcançada se música e literatura passarem a dialogar mais e se tornarem como auxílio mútuo na contribuição do conhecimento e aprendizado.

Muitas vezes a música é associada somente ao “campo artístico”, quanto a isso Fucci Amato (2010), fala algo de grande importância sobre a relação da música com a interdisciplinaridade: “Para superar o caráter ‘informal’ ou ‘não-científico’ do conhecimento acerca da música, buscam-se referenciais em outras áreas do conhecimento, estabelecendo-a como uma área nitidamente interdisciplinar” (FUCCI AMATO, 2010, p.39).

Notamos como a música faz relação com outras áreas, mas isso não é de hoje, “na realidade, desde sua origem, a música é conjugada a outros campos do conhecimento humano” (FUCCI AMATO, 2010, p.39), observamos isso numa síntese histórica, pois:

Na Antiguidade, por exemplo, Pitágoras (571/0-497/6 a.C.) já buscava estabelecer as bases matemáticas nas quais a produção musical se fundava. Platão (429-348 a.C.) entendia a música como arte, técnica e ciência prática (téchne), atividade racional voltada a um fim produtivo, mas também como conhecimento, saber (sophía) ou ciência teórica (episthème), como mostra Nascimento (2003). Aquele filósofo concebia a educação musical como um elemento político e uma pedagogia moral e social, a partir dos matizes éticos ínsitos à música, fenômeno de profunda repercussão subjetiva, capaz de consequências práticas da realização da virtude (PLATÃO, 1973a; 1973b). Seu discípulo Aristóteles (384-322 a.C.) também acreditava que deveria ser estudada “a influência que ela [a música] pode exercer sobre o caráter e a alma” (ARISTÓTELES, 1988: 276). Já santo Agostinho de Hipona (354-430 d.C.) via na música – que ele definiu como uma ciência (scientia) – um fenômeno a ser estudado não só filosófica, mas teologicamente, já que provindo da fonte das harmonias eternas, a Beleza Suprema e Criadora (FUCCI AMATO, 2010, p.39).

Assim sendo, na Antiguidade clássica a música já foi descortinada desde os principais campos do conhecimento humano, até então estudados, ensinados e desenvolvidos. Interessante pensar que homens de grande sabedoria, ressaltaram a importância musical, ao pesquisar sobre a música e relaciona-la com suas áreas de interesse.

Fucci Amato (2010, p.38) nos convida de maneira ainda mais incisiva à olhar a literatura infantil como uma opção favorável na aplicação da interdisciplinaridade musical, pois segundo a autora: “O que parece ter se consolidado na teoria, entretanto, evidencia-se como ainda questionável na prática [...] o ensino musical parece estar ainda distante de trabalhar a música em suas interfaces com outros saberes”.

Nessa relação das interfaces musicais com outros saberes, notamos infinitas possibilidades para explorar, achamos interessante mencionar algumas dessas áreas do conhecimento que possuem interação com a música.

O campo da saúde que ao primeiro olhar parece tão distante do campo musical, possui um crescente interesse na compreensão dos profissionais da música, Fonseca (apud FUCCI AMATO, 2007, p.2) conta que os cantores e sua necessidade de preservação, bem como de conhecimentos de anatomia e fisiologia da voz são um exemplo:

Medicina e música são duas áreas arquetípicas do conhecimento humano que sempre conviveram muito bem, mas sem se tocar. Seus corpos doutrinários aparentam ser estanques e impenetráveis um pelo outro. Um número apreciável de médicos exerce algum tipo de atividade musical ou são grandes apreciadores de música, mas são “apenas músicos” quando na atividade musical e “apenas médicos” quando no exercício da medicina. A transdisciplinaridade entre essas duas áreas de conhecimento costuma não ser sequer imaginável. A medicina do músico, especialidade ainda adolescente, constitui-se num campo propício a essa interpenetração dos saberes. (FONSECA apud FUCCI AMATO, 2007, p.2)

Uma outra área que podemos citar como exemplo dessa relação com a música é a sociologia, é uma ligação nítida, direta e crescente. Theodor Adorno (1903-1969), é um exemplo de estudioso da área que adentrou no campo musical, Gomes (2011) trata da relação música e sociedade, pois:

A presença da música na sociedade encontra-se de diferentes formas, acompanhando o cotidiano da humanidade de uma forma mais próxima e constante que qualquer outra arte. Talvez por isso o estudo da importância social da música tem sido desenvolvido em diversas perspectivas e nas mais variadas áreas das Ciências Sociais. (GOMES. 2011, p.1)

Não podemos separar a música da sociedade, elas são ligadas e dependentes, o que acontece em sociedade inspira canções, e as canções influenciam as pessoas em sociedade, é uma relação de influência mútua.

2.3 A Função pedagógica da literatura infantil

Para utilizar da literatura infantil nas aulas de música numa relação interdisciplinar, precisamos entender aquilo que dentro do gênero nos fornece subsídios para o ensino-aprendizagem musical.

Quando analisamos a história da literatura infantil, notamos características educativas desde seu começo, isso foi muito marcante com Perrault quanto a isso Cadermatori (2010, p. 24), complementa: “o caráter formador da literatura infantil vinculou-a, desde sua origem, a adjetivos pedagógicos”.

Zilberman (2012, p.25) também conta que desde sua gênese a função do ensino se sobrepôs nas histórias: “ O que chamamos de literatura infantil “específica”, isto é, os textos escritos exclusivamente para crianças, tem sua origem primeiramente não em motivos literários, mas pedagógicos”.

Uma definição do gênero dada por Peter Hunt em seu livro *Crítica, teoria e Literatura Infantil* (2010) nos dá ainda mais abertura para utiliza-lo com esse objetivo: “Definimos literatura infantil segundo nossos propósitos” (HUNT, 2010, p.96), o autor propõe que ela pode ser usada ao que o docente achar necessário ao aluno.

Notamos que desde sua história e conceito a literatura infantil serve para guiar, ensinar e ser moralizante, o gênero consegue cumprir esse propósito, pois possui uma forma singular de explicar a realidade para a criança. Regina Zilberman em seu livro *A literatura infantil na escola* (2012) nos conta que ela: “ apresenta, de maneira sistemática, as relações presentes na realidade, que a criança não pode perceber por conta própria”

Para ajudar na compreensão da realidade a literatura infantil é auxiliada pela sua capacidade de desenvolver a “imaginação, e os sonhos da criança, a literatura infantil pode levar a criança muito além do imaginário, e levar a compreensão do mundo real” (COELHO, 2000, apud SCANTAMBURLO, 2012, p. 11).

A palavra imaginação aparece no dicionário HOUAISS (HOUAISS; VILLAR, 2007, p.1573) significando “[...] faculdade que possui o espírito de representar imagens; capacidade de evocar imagens de objetos anteriormente percebidos; capacidade de formar imagens originais; faculdade de criar a partir da combinação de ideias”.

Segundo Vigotsky (2009), a imaginação é base da atividade criadora e manifesta-se nos campos da vida cultural, tornando possível a criação artística e científica. Percebemos quantos produtos procedem da imaginação, a partir dela podemos iniciar uma obra, um conceito e organizar um pensamento.

A imaginação tão importante do decorrer de nossa vida, faz-se significativa desde a infância, Vygotsky (1998), apresenta a ideia de que a imaginação é primária, estando presente desde o princípio na consciência infantil, da qual procede todo o resto da personalidade.

Podemos dizer que imaginar faz parte da essência da criança, é um ato no qual ela se sente confortável: “A imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A

imaginação da criança move-se junto — comove-se — com o novo que ela vê por todo o lado no mundo” (GIRARDELLO, 2011, p.76).

Por estar conectada com a criança a imaginação torna-se um meio ainda mais capaz no ensino da realidade, ela é um atalho neste objetivo. Interessante pensar também que a criança sente a necessidade dessa imaginação, pois:

Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, pressente ou esboça futuros possíveis. Ela tem necessidade da emoção imaginativa que vive por meio da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza, e da mediação adulta: o dedo que aponta, a voz que conta ou escuta, o cotidiano que aceita. (GIRARDELLO, 2011, p.76)

De fato, quando o docente trabalha com a literatura infantil está estimulando um dos pontos mais marcantes na criança: “A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização[...] (COELHO, 2000, p. 27).

Abramovich (1989) conta que a literatura torna-se assim, um instrumento de prazer, no qual a criança encontra-se com a imaginação, um mundo de possibilidades se abre para ela, no qual não há barreiras, o aprendizado fica mais divertido e atrativo, pois:

É através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica.... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997 p.17).

Muitas são as considerações acerca da literatura infantil, imaginação e da criança, pedagogicamente falando trabalhar com as três é possibilitar uma compreensão mais rápida e efetiva da realidade e assim ensinar, Domingues (2010) elucida a relação existente entre literatura infantil, imaginação e a criança, pois:

Quando os pequenos começam a exercitar a fantasia, ao serem estimulados pela obra literária, percebem o sentimento de infinito proporcionado por essas experiências, porque o ato de inventar nunca acaba. E, quando sujeita ao exercício contínuo da imaginação, a criança entende que as palavras têm a capacidade de levá-la aonde jamais pensou chegar. Descobrir o mundo é encontrar novos conhecimentos pelo exercício constante da imaginação. Essa capacidade é própria da infância e pode ser percebida tanto no escrever quanto no ler. Dessa forma, acontece a leitura da realidade e da irrealidade, que estão dentro e fora do sujeito. Mesmo pequeno, o indivíduo já é capaz de ler: lê o cheiro, o jeito e o ritmo da mãe e do pai. Dessa forma progride, de leitura em leitura, de imaginação em imaginação, buscando o conhecimento. (DOMINGUES, 2010, p.12)

A literatura infantil com suas palavras tão carregadas de imaginação, fornecem a criança um mundo só dela, no qual tudo é atrativo, possível e nada lhe é estranho.

O pequeno aluno se encontra em seu habitat natural e confortável, os temas mais complexos podem ser estudados com muito mais leveza e entendimento.

2.4 A contação de história em sala de aula

A arte de contar histórias é uma das mais antigas formas que o ser humano utiliza para se expressar, partindo dela é possível demonstrar sentimentos, emoções, experiências, além de ser uma maneira de transmitir cultura através das gerações, pois:

As origens das histórias e os gêneros literários são diversos, assim como os tempos de sua criação são variados, mas todos possuem a mesma essência: a imaginação e o anseio de responder a alguns dilemas da alma humana, como o medo, a alegria, a angústia, as perdas, entre outros (LEARDINI, 2006, p.26).

Contamos histórias naturalmente, isso é um fato cotidiano, que perpassa por nossos sentimentos. Para Leardini (2006, p.26) o ato de contar histórias é uma forma de “encantar crianças e adultos com a magia que representa”, realmente os encantos proporcionados pela contação de histórias, não escolhem idade, nem qualquer outra característica pessoal, isso é confirmado por Galland (2002, p.15 apud BEDRAN, 2012, p.20), pois:

A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem histórias com prazer – uma vez que estas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção. A história narrada, lida, filmada, dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas.

A contação de histórias tão presente e importante em nossas vidas, é um ponto importantíssimo também neste trabalho, por se tratar da forma que escolhemos para trabalhar com as histórias infantis em nossas práticas no ensino fundamental. A escola é um local propício para a prática da contação de história, pois com tantos temas a serem ensinados pelos professores, as narrações se tornam um instrumento rico e mediador para o aprendizado, pois:

O principal objetivo em contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, mas, quando bem contada, pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir, conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para trabalhar algum conteúdo programático, assim podendo aumentar o interesse pela aula ou permitir a auto-identificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos. Agrada a todos sem fazer distinção de idade, classe social ou circunstância de vida (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 3).

As palavras de Torres e Tettamanzy (2008), nos dão uma dimensão do quanto pode uma única história aumentar de forma significativa a compreensão e autonomia

de uma criança, além de sua “importância particular para o desenvolvimento do vocabulário, para a compreensão de conceitos e também para o conhecimento da linguagem escrita”. (SEIDEL, 2007, p. 69)

Wendt (2011) incentiva o uso das narrativas nas aulas, pois “com o desenvolvimento das atividades, os alunos, apesar de sua pouca experiência, trazem ao grupo suas vivências, contribuindo assim, nos debates e diálogos, o que os enriquece e desperta o interesse de todos” (WENDT, 2011, p. 13).

No espaço escolar, contar histórias é algo interessante ao docente, pois através dela, “o professor pode, em sua ação docente, abordar vários conteúdos, além de desenvolver nas crianças o lúdico, o imaginário, o fascínio por uma boa leitura” (RODRIGUES, 2011, p.19). A contação vai além de somente uma maneira de utilizar as histórias, para Sisto (2010, p.1) ela viabiliza também de forma mais eficiente o aprendizado, pois:

Ao ouvir uma história, as crianças (e o leitor em geral) vivenciam no plano psicológico as ações, os problemas, os conflitos dessa história. Essa vivência por empréstimo, a experimentação de modelos de ações e soluções apresentadas na história fazem aumentar consideravelmente o repertório de conhecimento da criança. (SISTO, 2010, p.1).

O conhecimento proporcionado a criança pela contação, se mistura com outros benefícios seus, pois através dela “é possível descobrir novas palavras, deparar-se com a música e com a sonoridade das frases e dos nomes, captar o ritmo e cadência do conto” (SILVEIRA, 2008 apud RODRIGUES, 2011, p.12).

Notamos que trabalhar com a contação gera nos alunos conhecimentos, além de dar uma ênfase singular na história que está sendo contada, “[...] a contação de histórias e a literatura infantil andam de mãos dadas” (RODRIGUES, 2011, p.23), é nítida a dependência que ambas têm e recíproco a importância, é quase impossível falarmos de literatura infantil e não falar da contação das histórias.

3 A EDUCAÇÃO MUSICAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Esta pesquisa tem como público os alunos do ensino fundamental, que se trata de um período escolar “[...] com duração de 9 (nove) anos, na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade” (BRASIL 1996, art. 32).

A divisão do ensino fundamental é organizada em anos iniciais e anos finais, assim sendo: “os nove anos de ensino obrigatório são distribuídos em cinco anos iniciais (do 1º ao 5º ano) e quatro anos finais (do 6º ao 9º ano).” (BRASIL, 2006, p.4). Em nosso caso, a pesquisa está direcionada especificamente nos alunos dos anos iniciais.

3.1 O ensino de Arte nos anos iniciais do ensino fundamental

As crianças dos anos iniciais, algumas recém-chegadas da educação infantil, estão imersas na escola, em um universo novo e entram em contato com muitos conhecimentos diferentes, assim o ensino fundamental tão importante quanto qualquer outro período escolar, é uma fase de transição importantíssima para o aluno. Todas as matérias e conteúdos ensinados aos alunos na escola têm sua função e importância, todos foram integrados a grade escolar com um propósito a ser alcançado, nenhum deles é menos importante que o outro.

A educação em arte nesta fase da educação regular “[...] propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação” (BRASIL, 1998, p. 15).

O contato da criança com as diversas formas de arte, desperta aquilo que é tão inerente e intrínseco a ela, não podemos falar da criança sem a ligar a imaginação, dessa forma o ensino em arte é um facilitador do desenvolvimento de sua sensibilidade, percepção e reflexão.

É imensa a importância da Arte em sala de aula, para os Parâmetros Curriculares Nacionais, ela tem “ uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem” (BRASIL, 1998, p. 19).

Sendo assim, o PCN diz claramente que a Arte tem um lugar similar as outras matérias do currículo escolar, mas com características próprias, assim como as outras e que não deve ser menos favorecida. O mesmo documento é bem generoso em

ressaltar a importância da matéria em sala de aula e continua a relatar seus diversos benefícios, pois:

Esta área também favorece ao aluno relacionar-se criadoramente com as outras disciplinas do currículo. Por exemplo, o aluno que conhece arte pode estabelecer relações mais amplas quando estuda um determinado período histórico. Um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, a desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático. (BRASIL, 1997, p. 19).

A Arte enriquece a reflexão do aluno quando está diante de um conteúdo, podendo facilmente relacionar temas, dessa forma estimula sua criatividade e imaginação, o capacitando para outras atividades em classe.

O PCN de Arte para os anos iniciais do Ensino Fundamental, objetiva o ensino de modo que ao final do ciclo de turmas o aluno possa: “ apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade” (BRASIL, 1998, p.39), de maneira mais específica, o mesmo documento, detalha os objetivos da Arte na escola, como:

[...] expressar e saber comunicar-se em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas; interagir com materiais, instrumentos e procedimentos variados em artes (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), experimentando-os e conhecendo-os de modo a utilizá-los nos trabalhos pessoais; edificar uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, no percurso de criação que abriga uma multiplicidade de procedimentos e soluções; compreender e saber identificar a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, conhecendo respeitando e podendo observar as produções presentes no entorno, assim como as demais do patrimônio cultural e do universo natural, identificando a existência de diferenças nos padrões artísticos e estéticos; observar as relações entre o homem e a realidade com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, indagando, argumentando e apreciando arte de modo sensível; compreender e saber identificar aspectos da função e dos resultados do trabalho do artista, reconhecendo, em sua própria experiência de aprendiz, aspectos do processo percorrido pelo artista; buscar e saber organizar informações sobre a arte em contato com artistas, documentos, acervos nos espaços da escola e fora dela (livros, revistas, jornais, ilustrações, diapositivos, vídeos, discos, cartazes) e acervos públicos (museus, galerias, centros de cultura, bibliotecas, fonotecas, videotecas, cinematecas), reconhecendo e compreendendo a variedade dos produtos artísticos e concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas e etnias. (BRASIL, 1998, p.39).

São muitos por menores a serem obtidos, distribuídos ao longo dos primeiros anos do Ensino Fundamental, dessa forma torna-se algo realizável e satisfatório, contribuindo para uma educação artística adequada ao aluno.

3.2 O Ensino da Música nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Na educação fundamental, “a disciplina Arte deve garantir que os alunos vivenciem e compreendam aspectos técnicos, criativos e simbólicos em música, artes visuais, teatro, dança e suas interconexões”. (SOUZA, 2000, p.3). Tratando especificamente das aulas de música, muitas são as experiências positivas a serem adquiridas pelo aluno, Soares e Rubio (2012) ressaltam que a música deve ser incorporada no currículo escolar, pois “a música como um elemento estabelecido da harmonia pessoal, facilita a integração, a inclusão social e até o equilíbrio psicossomático, se faz necessária às ações direcionadas à construção do ser”. (SOARES; RUBIO, 2012, p.03)

Considerando tal afirmação, notamos que o momento da aula de música, não é proveitoso para criança somente na escola, mas em todos os ambientes que tem contato em sociedade, facilitando suas relações com todos, Koellreutter 1998 apud Loureiro 2003, nos esclarece mais:

No tocante à educação pela música, a mais importante implicação desta tese é a tarefa de despertar, na mente dos jovens, a consciência da interdependência de sentimento e racionalidade, de tecnologia e estética. No fundo, isto significa desenvolver a capacidade do ser humano para um raciocínio globalizante e integrador. (KOELLREUTTER, 1998, p.41 apud LOUREIRO, 2003, p.107).

Koellreutter salienta a educação musical como importante instrumento de produção social e integrador, Loureiro (2003, p.107), contribui com essa ideia ao estimular que as aulas destaquem o que o aluno já traz consigo: “nada é significativo no vazio, mas apenas quando relacionado e articulado no quadro das experiências acumuladas [...]estreitando laços nas relações sociais, estimulando a criatividade nos indivíduos e nos grupos”.

Assim as aulas tornam-se mais significativas, aproveitando as vivências de cada aluno. Tennroller e Cunha (2012, p.34) sintetizam a importância da educação musical: “A música é uma ferramenta que colabora para a formação integral da criança, com ela a criança tem acesso ao mundo lúdico onde a mesma se expressa e cria”. Assim, é possível compreender que a música desenvolve as competências da criança, contribuindo no seu completo desenvolvimento.

Tendo em vista as contribuições e a importância do ensino da música, faz-se necessário saber como trabalhar com a música em sala de aula, como organizar os

conteúdos, bem como o que incluir nas aulas para que sejam mais positivas, como trata o PCN de arte (BRASIL, 1997, p.37).

Com relação aos conteúdos, orienta-se o ensino da área de modo a acolher a diversidade do repertório cultural que a criança traz para a escola, a trabalhar com os produtos da comunidade na qual a escola está inserida e também que se introduzam informações da produção social a partir de critérios de seleção adequados à participação do estudante na sociedade como cidadão informado. .

Notamos um forte aproveitamento das experiências e vivências, com as quais os alunos tem contato em seu cotidiano e que conseqüentemente trazem consigo para sala de aula, como um meio de tornar as aulas mais próximas do que as crianças conhecem.

A partir destes critérios iniciais, os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam que os conteúdos de música “ devem estar relacionados de tal maneira que possam sedimentar a aprendizagem artística dos alunos do ensino fundamental. Tal aprendizagem diz respeito à possibilidade de os alunos desenvolverem um processo contínuo e cada vez mais complexo”. (BRASIL, 1997, p. 41), assim sendo, partir de temas mais fáceis para os mais difíceis, para uma aprendizagem mais organizada e concreta.

Vale salientar um ponto muito importante, a autonomia do professor quanto a como dirigir o ensino de música em suas turmas: “cabe ao professor escolher os modos e recursos didáticos adequados para apresentar as informações”. (BRASIL, 1997, p.35). Isso é bastante válido, uma vez que cada turma tem sua característica e necessita de uma forma de ensino singular.

Partindo desse pressuposto, o docente tem em mãos inúmeras possibilidades de ensinar, cabe a ele uma reflexão sobre qual é a maneira adequada para sua turma em questão. A didática pode encurtar esse processo, pois “é a parte da pedagogia que utiliza estratégias de ensino” (TAVARES,2011, p.13).

Uma forte estratégia de ensino pode ser a contribuição da interdisciplinaridade nas aulas de música, pois a “área de Arte está relacionada com as demais áreas” (BRASIL, 1997, p.19), e essa tática continua sendo positiva pois a música “favorece ao aluno relacionar-se criadoramente com as outras disciplinas do currículo” (BRASIL, 1997, p.19).

Ao professor de música se dispor em usar da ajuda de outras disciplinas, ele estará inovando a maneira de ensinar pois a “educação musical atual representa uma variada gama de situações, formais e informais, onde pode ocorrer o ensino e a

aprendizagem da música. ” (SANTOS; COSTA, 2015, p.03). Assim sendo, não existe uma maneira exata ou única de ministrar uma aula de música, o professor deve sempre buscar uma nova maneira de ensino, uma vez que a criatividade é uma propriedade ou característica dos seres humanos (SEABRA, 2007)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte para os anos iniciais do ensino fundamental, destacam essa criatividade e autonomia do professor na escolha de sua forma adequada de ensinar: “Cabe ao professor escolher os modos e recursos didáticos adequados para apresentar as informações”. (BRASIL, 1997, p. 35).

Ao exercer sua autonomia e optar pela inclusão da interdisciplinaridade em sua aula, o professor de música estará praticando aquilo que o próprio PCN estimula que aconteça: “ O ensino fundamental permite que as áreas se incorporem umas às outras e o aluno possa ser o principal agente das relações entre as diversas disciplinas”. (BRASIL, 1997, p.77).

3.3 Os livros de Histórias e o Ensino da Música

A literatura surge como uma possibilidade favorável de área para se incorporar com a música e assim realizar essa interdisciplinaridade que o ensino fundamental incentiva e possibilita, pois:

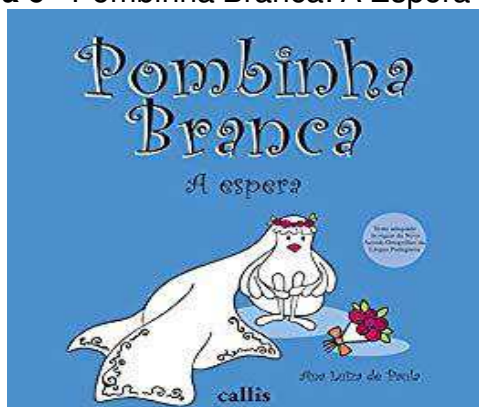
A literatura traz consigo um universo a ser explorado pela música como poemas, parlendas, lendas. Fábulas, quadrinhas, trava-línguas, provérbios, adivinhas e as histórias infantis. Nos livros infantis, alguns autores utilizam a temática musical em suas histórias, nas quais os personagens são cantores, músicos ou instrumentos musicais. (PONSO, 2011, p.23).

As palavras de Ponso (2011) são bem elucidativas quanto a relação da literatura nas aulas de música, a autora salienta a vasta oferta que a literatura infantil possibilita para o uso do professor. Ponso (2011, p.98) ainda repete os mesmos exemplos dados anteriormente, para enfatizar algo importante, como:

A temática musical muitas vezes é evidente, no entanto alguns aspectos podem passar despercebidos como poemas, parlendas, lendas, fábulas, quadrinhas, trava-línguas, provérbios, adivinhas e as próprias histórias infantis, que muito facilmente são relacionáveis à música de modo divertido e interessante para as crianças na escola (PONSO, 2011, p.98)

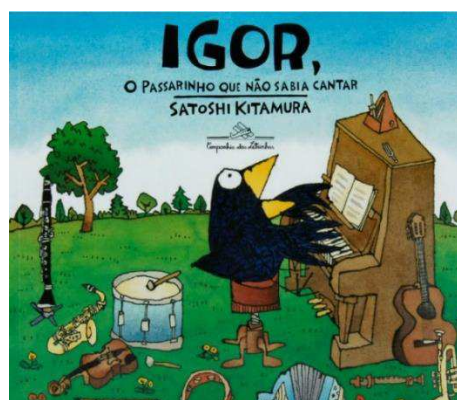
As temáticas musicais evidentes tratadas por Ponso na citação anterior, são as histórias que expõem de modo claro algum aspecto musical, podemos citar alguns exemplos como: *Pombinha Branca: A Espera* (2010), livro no qual a famosa cantiga foi transcrita e transformada numa história e *Igor, o passarinho que não sabia cantar* (2006), o tema abordado é o cantar afinado ou desafinado.

Figura 6 - Pombinha Branca: A Espera



Fonte: <https://www.buscape.com.br/pombinha-branca-a-espera-nova-ortografia-ana-luiza-de-paula-8574164941>

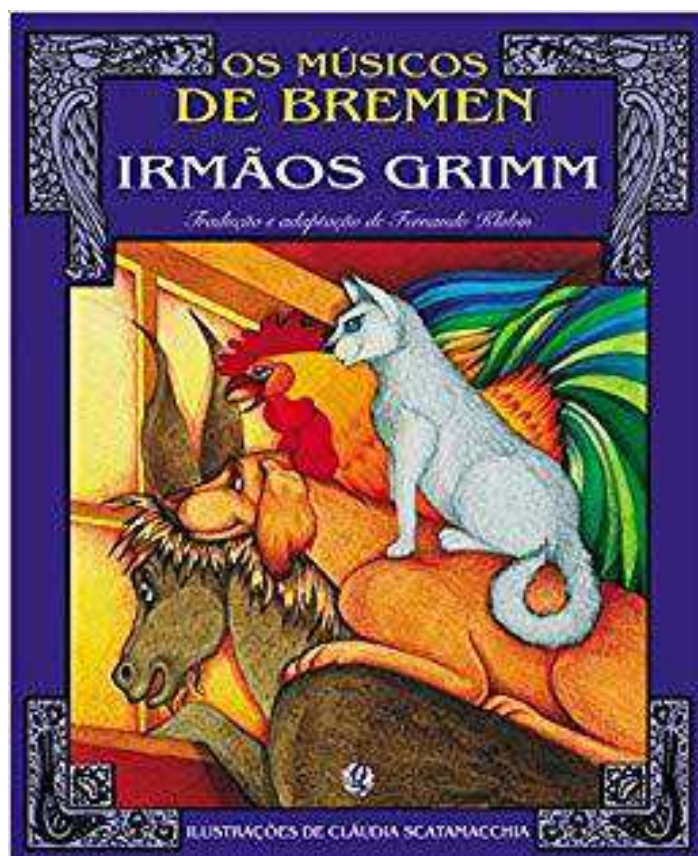
Figura 7 - Igor, o passarinho que não sabia cantar



Fonte: <https://www.saraiva.com.br/igor-o-passarinho-que-nao-sabia-cantar-1463545.html>

Outros livros interessantes que podemos citar abordam temática musical são *Os músicos de Bremen* (2008), que trata de um quarteto de músicos e *O coral dos bichos* (2000), livro de Tatiana Belinky em que um macaco reuni os bichos para formarem um coral.

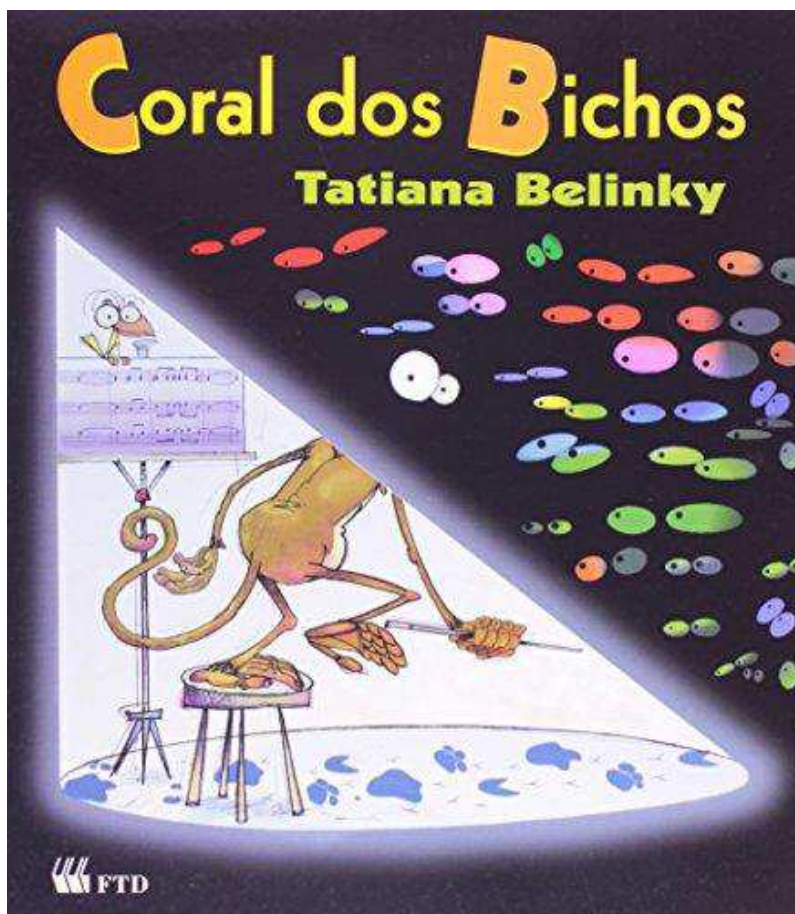
Figura 8 - Os músicos de Bremen (GRIMM; GRIMM, 2008)



Fonte: <https://www.fnac.pt/mp8580155/Os-Musicos-De-Bremen>

A literatura infantil é uma fonte rica de recurso para o professor de música, alguns livros têm a temática mais evidentes, outros precisam ser mais explorados e muitas podem ser as formas para a prática: “... recriando a história, compondo temas, construindo instrumentos ou interpretando personagens”. (PONSO, 2011, p.23).

Figura 9 - Coral dos Bichos (Belinky, 2000)

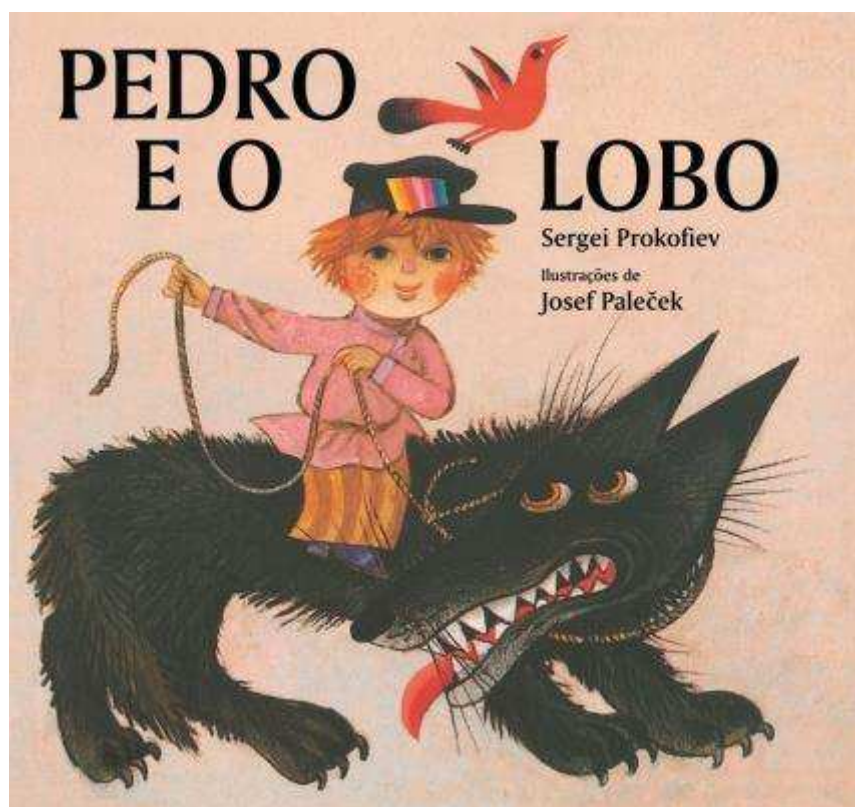


Fonte: <https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/infantil/literatura/coral-dos-bichos-556243>

Se muitas são as variedades na literatura e as formas de uso, um ponto é único e certo a literatura é “um modo criativo de abordar a temática musical” (PONSO, 2011, p.98) e esta criatividade possibilita um ensino mais eficiente e atrativo para os alunos.

A famosa obra *Pedro e o Lobo* do compositor russo Sergei Prokofiev (1891-1953) é um dos exemplos que queremos destacar da junção da literatura com a música. “Escrita em 1936, Pedro e o Lobo é uma das obras mais conhecidas de Prokofiev, e foi criada para o Teatro Infantil de Moscou com a finalidade de apresentar os instrumentos musicais da orquestra”. (ASSEBURG, 2009, p.14).

Figura 10 - Pedro e o Lobo (Prokofiev, 2011)



Fonte: <http://www.wmfmartinsfontes.com.br/produto/871-pedro-e-o-lobo>

Prokofiev obteve um resultado esplêndido a partir dessa combinação e não somente por isso claro, ele utilizou “ a imaginação infantil na sua peça e apresenta os instrumentos da orquestra através de um conto musical. Um narrador conta a história de Pedro e o Lobo e cada instrumento representa um personagem”. (ASSEBURG, 2009, p.14). Durante a narração deste conto musical surgem os personagens, representados pelo seu instrumento correspondente, como vemos organizados na tabela, abaixo:

Quadro 1 – Personagens de Pedro e o Lobo e seus respectivos instrumentos

INSTRUMENTO	PERSONAGEM
Cordas (violino, violas, violoncelos e contrabaixo)	Menino Pedro
Flauta	Pássaro
Oboé	Pata Sônia
Clarinete	Gato Ivã
Fagote	Avô de Pedro
Trompas	Lobo
Tímpanos	Tiro dos Caçadores

Fonte: Asseburg (2009)

O resumo da história foi feito de forma primorosa e explicativa pela Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - OSESP (2002-2004), e pode ser lido logo abaixo:

A história pode ser resumida da seguinte forma: um dia, Pedro foi passear perto de casa. Enquanto escutava a conversa entre um pássaro e uma pata, percebeu que um gato estava se preparando para dar o bote no pássaro. Como Pedro conseguiu avisar o pássaro, ele conseguiu escapar e o gato desistiu de caçá-lo. Logo chegou o avô de Pedro e, zangado, levou-o para casa porque havia um lobo por perto. E o avô estava certo: em seguida apareceu o lobo. O gato subiu numa árvore, mas a pata não conseguiu escapar e foi engolida. Pedro viu tudo e pediu que o pássaro distraísse o lobo para que ele pudesse laçar seu rabo com uma corda. Mas os caçadores quase atrapalharam a armadilha, pois chegaram atirando bem naquele momento. Como Pedro conseguiu laçar o lobo, os caçadores ajudaram-no a levar o lobo para o zoológico, e comemoraram junto com o avô, o gato e o pássaro. Mas na barriga do lobo, a pata estava viva... (OSESP, 2002, 2004 apud ASSEBURG, 2009, p. 14,15).

Além de ser uma história envolvente e divertida, Pedro e o Lobo cumpre de forma eficaz o papel de ensinar às crianças os instrumentos musicais, pois ao relacionar um personagem a um instrumento explora toda a sonoridade do timbre do mesmo e faz com que a criança desenvolva uma referência ao som dos instrumentos da história e de outros instrumentos musicais que venha a conhecer.

4 A UTILIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NAS AULAS DE MÚSICA: uma experiência na Unidade de Ensino Básica – Maria Rocha

A escola Unidade de Ensino Básica – Maria Rocha, na qual esta pesquisa foi desenvolvida, está localizada na Avenida dos Africanos/Presidente Médici no Bairro Areinha. Possui biblioteca, cantina, sala de informática, sala dos professores, secretaria, diretoria e 6 salas de aula, na qual são distribuídos os discentes do 1º ao 9ºano, mais precisamente no turno matutino, no qual atuamos, estão dispostos somente as turmas de 1º a 5º ano, essas turmas possuíam uma média de 24 a 35 alunos, nossa pesquisa se restringiu a somente uma turma do 1º ano, a 1ºano B, que tinha 24 alunos , e ocorreu durante o Estágio Curricular Supervisionado.

Trazíamos o desejo de aplicar a literatura infantil em nossas aulas do 1º ano, porém antes de colocarmos em prática, fizemos um planejamento cauteloso sobre como inserirmos esse desejo em nossas aulas, pois entendemos a importância do mesmo, Menegolla e Sant'anna (2001) detalham que o planejamento é:

É um instrumento direcional de todo o processo educacional, pois estabelece e determina as grandes urgências, indica as prioridades básicas, ordena e determina todos os recursos e meios necessários para a consecução de grandes finalidades, metas e objetivos da educação. (MENEGOLLA & SANT'ANNA, 2001, p.40)

Tomando por base nosso planejamento, tivemos uma noção bem maior de como e quais histórias inserir em nossa rotina em sala de aula, baseada nas temáticas musicais que abordaríamos durante o período do estágio.

Tendo por base o que Ponso (2011) acredita: “ A educação musical no Brasil não está ligada a nenhum currículo predeterminado, nem a conteúdos específicos para cada série do ensino fundamental” (PONSO, 2011, p.13), nós tivemos maior abertura para definirmos as temáticas musicais a serem trabalhadas, porém levamos em consideração neste processo, que os conteúdos devem estar relacionados de tal maneira que possam organizar a aprendizagem, num processo contínuo e cada vez mais complexo. (BRASIL, 1997).

Sendo assim organizamos os temas de aulas, partindo do mais simples para o mais complexo, decidimos então iniciar as temáticas tratando do Som e seus parâmetros, pois de acordo com Swanwick (2010) para se tornar o ensino musical fluente, como se fosse uma conversa entre estudantes e professor têm-se muito mais chance demonstrando os sons do que com o uso de notações musicais, Schafer (1991, p.307) entende que essa ideia também é correta.

Música é algo que soa. Se não há som, não é música. Sempre resisti à leitura musical, nos primeiros estágios da educação, porque ela incita muito facilmente a um desvio da atenção para o papel e para o quadro-negro, que não são os sons (SCHAFER, 1991, p.307)

Schafer (1991) concorda nitidamente com Swanwick (2010), na importância de tratar dos sons ao introduzir o ensino musical em sala de aula. Musicalmente falando o Som é algo extremamente importante, pois a “música é a arte de combinar sons” (MED, 1996, p.11), assim sem o som, não se faz música.

O som é produzido por vibrações, a vibração regular produz os chamados sons musicais, o som do piano e do violino são exemplos desse tipo de sons, já a vibração irregular produz os sons chamados de barulho, os sons do avião, do carro, são exemplos. O som também possui características, que são os chamados Parâmetros, os seus principais são Altura, Duração, Intensidade e Timbre (MED, 1996). Sendo assim fizemos nosso planejamento partindo da temática O Som e continuamos nos desdobramentos deste tema e sua complexidade, bem como seus tipos e parâmetros.

Com os assuntos das aulas definidos começamos a pesquisar as histórias infantis que poderíamos incorporar em cada dia, quanto a isso definimos tomando por base o tema da aula e com relação ao momento da aula escolhido para contar a história tivemos mais liberdade, pois não deve existir um horário estipulado para o momento da história na aula, ele deve acontecer de acordo com a necessidade (CAIADO, [201-]).

Assim escolhemos os primeiros instantes da aula como o momento da história, para darmos dessa maneira início ao tema do dia. Assim em nosso primeiro dia de aula escolhemos a história *Os três porquinhos* (2007), para trabalharmos o som com a turma. Ao observarmos o contexto, personagens e detalhes dela percebemos que ela poderia aprofundar e instigar o tema ainda mais nos alunos, a história é assim:

Era uma vez ... três porquinhos que saíram da casa de sua mãe. Cada um construiria a sua própria casa, seguiram caminhos diferentes. O primeiro porquinho construiu a sua casa com palha. Logo ficou pronta e ele foi dormir. Chegou um lobo que queria comer o porquinho e disse:

- Abra a porta ou derrubarei esta casa com um sopro só!

O porquinho não abriu. O lobo soprou e derrubou a casa. O porquinho fugiu. O segundo porquinho fez a sua casa com galhos de árvore. Logo ficou pronta e ele foi dormir. Outra vez veio o lobo.

- Porquinho, abra a porta ou vou assoprar e derrubar tudo. O porquinho não abriu, o lobo assoprou e derrubou a casa. Mas o porquinho fugiu e se escondeu, e o lobo queria saber:

- Onde se meteu esse porquinho?

O terceiro porquinho construiu a sua casa com tijolos. Para lá foram os seus irmãos e o lobo também. Mas desta vez, o lobo soprou até se cansar e não derrubou a casa. O lobo resolveu descer pela chaminé, mas a lareira estava

acesa e ele saiu pegando fogo. O lobo foi embora, e os porquinhos ficaram muito felizes morando na casinha de tijolos (OS TRÊS...,2007, p.8).

Notamos que essa história possui diversos elementos sonoros presentes em nosso dia a dia, que podem ser estimulados numa aula e assim representarmos aos alunos a importância do som e como este está presente em nosso cotidiano, Schafer (2001) acredita que nosso cotidiano é uma rica fonte sonora.

[...] é nosso ambiente sonoro, o sempre presente conjunto de sons, agradáveis e desagradáveis, fortes e fracos, ouvidos e ignorados, com os quais vivemos. Do zumbido das abelhas ao ruído da explosão, esse vasto compêndio, sempre em mutação, de cantos de pássaros, britadeiras, música de câmara, gritos, apitos de trem e barulho da chuva tem feito parte da existência humana (SCHAFER, 2001, contracapa).

As palavras de Schafer (2001) são importantes para ressaltar como os sons são inerentes a nós e a música, dando um passo importante para o ensino musical, pois existem “múltiplos vínculos que existem entre o ambiente sonoro e a própria música”. (SOUZA, 2000, p. 23).

Foram muitos os sons que trabalhamos com a história *Os três porquinhos*, com o auxílio de vários objetos os reproduzimos no decorrer da história, pois a contação não pode ser feita de qualquer maneira, sem nenhum preparo (ABRAMOVICH, 1997), deve haver uma organização para a execução desta.

Além dos objetos usados na história, nós estimulamos a participação das crianças na contação, para que as mesmas percebessem como nosso corpo, assim como o ambiente, também pode produzir sons, dessa forma logo no início ao falar que contaríamos *Os três porquinhos*, perguntamos qual é o som que o porco faz, então todas as crianças usando a voz o fizeram e no decorrer da história sempre algum aluno de maneira espontânea fazia o som do porco.

Ao falarmos da casa do primeiro porquinho usamos a palha de uma vassoura, fizemos muitos movimentos com ela para que as crianças pudessem ouvir o som da palha, com a ajuda das crianças fizemos o ronco dos porquinhos ao dormirem e também os assopros do lobo para destruir cada casa. Com pequenos galhos de árvore ilustramos a casa do segundo porquinho, batemos um no outro para seu som ser ouvido.

Levamos pequenos pedaços de tijolos para demonstrarmos o som da casa do terceiro porquinho, já para ilustrar o fogo da lareira, demos a cada aluno um pedaço de papel manteiga, que ao ser amassado se parece muito com o som do fogo e as crianças deram um grito bem forte quando falamos do lobo que pegou fogo.

Para o tema Timbre, percebemos que a história *Os músicos de Bremen* (2016a) dos Irmãos Grimm, poderia ser proveitosa, por se tratar de quatro bichos diferentes e músicos, ela pode usufruir a característica sonora de cada um deles bem como dos seus instrumentos, já que timbre é “a característica que diferencia, ou “personaliza”, cada som. ” (BRITO, 2003, p. 19), a história é assim;

Era uma vez um cão que sabia caçar coelhos como ninguém, seu dono era muito exigente. Quando o cão ficou velho, seu dono achou que ele não serviria mais para nada. Levou o cão para a floresta e o abandonou lá, o pobrezinho ficou apavorado. Aí, apareceu um burro muito triste, que contou que apanhava muito de seu dono e, por isso, tinha fugido de casa. Tornaram-se amigos e logo começaram a falar de música, o cão tocava tambor e o burro, flauta. Resolveram ir para a cidade de Bremen, onde havia uma orquestra municipal. Adiante, encontraram um gato chorando, o gato contou que sua dona o tratava muito mal e, por isso, tinha fugido de casa. O cão e o burro convidaram o gato para ir com eles para Bremen. Muito feliz, o gato que sabia tocar trombeta juntou-se ao grupo. De repente, encontraram um galo, ele contou que estava escalado para ir para a panela. Como tinha uma voz boa, todos concordaram que ele poderia ser o vocalista do grupo. Ao cair da noite, aproximaram-se de uma casinha que tinham visto ao longe, no meio da floresta. Chegando mais perto, ouviram umas vozes vindas de dentro da casa, o gato foi escutar através de uma abertura na janela, voltou-se e disse:
- Puxa, quatro ladrões se escondem nesta casa.

Então, eles armaram um plano para expulsar os ladrões da casa. Um saltou nas costas do outro: o cão subiu no burro, o gato ficou nas costas do cachorro e o galo, em cima do gato. Assim, eles pareciam uma figura monstruosa, que dava medo. Então, foram em direção a casa, gritando, todos ao mesmo tempo. Os ladrões levaram um tremendo susto! Achando que um monstro atacara a casa, saíram correndo. Então, tomaram posse da casa e dormiram tranquilos, a noite toda, na manhã seguinte, fizeram um bom café, pois conseguiram encontrar tudo nas vizinhanças, e resolveram passar o dia ali (GRIMM; GRIMM, 2016a, p.16).

A história *Os músicos de Bremen* (2016a) é muito rica quanto a todos os conteúdos musicais que podem ser trabalhados pelo professor de música, em nosso caso como falado anteriormente, o tema escolhido foi timbre. Inicialmente sorteamos quatro alunos para participarem da contação da história, cada aluno representou um bicho da história e usaram máscaras dos animais.

A história também fala de três instrumentos musicais, então levamos para a sala de aula uma figura de trombeta, pois não conseguimos o próprio instrumento, uma flauta doce e um tambor de brinquedo, para mostrar o som da trombeta para os alunos levamos uma caixa de som e assim as crianças o ouviram.

Antes de começarmos a contar a história perguntamos as crianças se elas conheciam o som do cão, do burro, do gato e do galo. Pedimos que todos fizessem o som de cada um e no decorrer da história conforme os animais iam aparecendo, o aluno que estava na frente representando o bicho fazia o seu som e a turma também o ajudava.

De acordo com o aparecimento dos instrumentos musicais na história, o animal correspondente pegava o seu instrumento e o tocava, somente no caso do gato que tocava a trombeta, que usamos a caixa de som.

Percebemos como essa história explora os timbres, as crianças escutaram muitas vezes o som do cão, do gato, do galo e do burro, notaram suas particularidades e diferenças, com os instrumentos essa escuta se tornou ainda mais proveitosa, eles perceberam a singularidade do som da flauta, do tambor e da trombeta.

O uso de histórias para trabalhar essa temática é bem-vindo nas palavras de Reys (2011): “Na busca por timbres e sonoridades, as histórias potencializam aprendizagem e diversão, e ampliam as ideias de música dos alunos” (p. 70). A história *Os músicos de Bremem* foi extremamente essencial para explorar os sons dos bichos e dos instrumentos musicais e conseqüentemente fazer com que as crianças percebessem o que é timbre, além de ser uma história atrativa, sendo assim uma fonte rica de aprendizado musical.

Para o tema sons curtos e sons longos, usamos a história *O rouxinol* (2016) de Hans Cristian Andersen, ela de forma interessante trabalha a duração que é a “extensão de um som” (MED, 1996, p. 12), e também um de seus aspectos, a história é esta:

Esta é uma história chinesa muito antiga, contada só por antigos chineses, por isso, vamos conhece-la antes que seja esquecida. O palácio do imperador chinês era o mais belo do mundo, todo construído com a mais bela porcelana. O jardim do palácio, coberto de flores coloridas e maravilhosas, perdia-se na distância, de tão grande. Viajantes do mundo inteiro visitavam o incrível palácio do imperador chinês e saíam contando as mais lindas histórias. Um dia, caiu nas mãos do imperador um livro sobre as belezas do seu palácio, inclusive o maravilhoso canto de um rouxinol. O imperador ficou surpreso, pois nunca tinha ouvido falar do rouxinol. Então, ordenou que o procurassem. Uma comitiva foi à floresta e, quando o encontrou ficou paralisada com o canto hipnótico do passarinho. Então, o rouxinol foi ao palácio cantar para o imperador. E, diante da beleza do seu canto, o soberano chinês chorou, o imperador quis recompensar o rouxinol, mas este disse:

- Vi as lágrimas do imperador, existe recompensa maior?

Um dia, porém, chegou um presente do Japão: era um lindo rouxinol mecânico, coberto de diamantes, rubis e safiras. Dentro do rouxinol mecânico, o canto doce era imitado perfeitamente, e passaram a ouvir a gravação e não o original. O rouxinol verdadeiro, percebendo a preferência, voltou para a floresta, satisfeito por ter cumprido muito bem o seu papel. Um dia, depois de tanto cantar, o rouxinol mecânico parou bem na hora de uma audiência, sem ter quem o concertasse, só se ouvia o silêncio. O imperador ficou muito doente, tanto que todos pensaram que ele ia morrer. Aí, aquele canto suave outra vez se ouviu da janela, o soberano descobriu que tinha cometido um erro, quis recompensar o rouxinol pela sua volta. Mas este fez só um pedido:

- Meu canto é do imperador, mas quero cantar livre para o povo!

O soberano concordou, como prova do maior dos presentes: o amor! (ANDERSEN, 2016, p.16).

Essa história trata de um rouxinol de forma especial, pensamos assim em trabalhar a duração dos sons na contação da história utilizando um som que imitava o canto de um pássaro, bem como figuras de um rouxinol e de um pássaro mecânico como recursos visuais, pois “contar histórias não significa apenas pegar um livro e ler o que ali está escrito, mas criar todo um envolvimento em relação aquela história ou fato” (RODRIGUES, 2011, p. 20).

Esse envolvimento dos alunos com a história falada por Rodrigues (2011, p.20), tornou-se ainda maior, pois os mesmos participaram usando suas mãos para imitar o pássaro voando no decorrer da história, esse envolvimento proporciona a criança mais entendimento do assunto abordado, uma vez “que ela leva a criança a descobrir “mundos” cheios de sonhos, fantasias, alegrias, num mundo onde a realidade se confunde com a imaginação, fazendo com que ela reflita”.

Representamos os sons longos e curtos na história através do canto do rouxinol, mas para simbolizar os sons curtos destacamos e utilizamos a parte da história na qual o pássaro mecânico fica com defeito e seu som começa a falhar. Importante falar que nossa intenção não foi representar o verdadeiro canto do rouxinol, mas sim tratar da duração dos sons a partir dele.

Com o auxílio do programa musescore (editor de partituras), escrevemos um único pentagrama para representar o “longo” canto do rouxinol, para isso usamos somente as figuras rítmicas mínimas e semínimas. Para representar o canto falhado do pássaro mecânico escrevemos um outro pentagrama, usando somente a figura rítmica colcheia intercalada com pausas, para dar a ideia de som gaguejado e conseqüentemente simbolizar os sons curtos. Para ambos os pentagramas escolhemos como instrumento a flauta doce, os transformamos em mp3 e os levamos em uma caixa de som para a sala de aula para o usarmos em nossa contação da história.

Na nossa quarta aula na turma do 1ºano B, trabalhamos o parâmetro do som, Intensidade, que é “determinada pela força [...] do agente que a reproduz” (MED, 1996, p. 12), a história que escolhemos para introduzir esse assunto foi *João e o pé de feijão* (2016) de Joseph Jacobs, a história é assim:

Era uma vez um menino chamado João, que vivia com sua mãe, uma pobre viúva, numa cabana bem longe da cidade. Um dia, a mãe de João disse:
- Joãozinho, acabou a comida e o dinheiro, vá até a cidade e venda a nossa vaquinha, o único bem que nos resta. João foi para a cidade e, no caminho,

encontrou um homem que o convenceu a trocar a vaquinha por sementes de feijão, o homem disse:

- Com estas sementes de feijão jamais passarão fome.

João acreditou e trouxe as sementes para a casa. Quando a mãe de João viu as sementes, ficou furiosa, jogou tudo pela janela. Na manhã seguinte, João levantou com muita fome e foi até o quintal, ficou espantado quando viu uma enorme árvore que ia até o céu. Nem chamou sua mãe, decidiu subir pelo pé de feijão até chegar à copa. João ficou maravilhado ao encontrar um castelo nas nuvens e quis vê-lo de perto, de repente, uma mulher enorme surgiu de dentro do castelo e o agarrou:

- O que faz aqui, menino? Será meu escravo, mas o gigante não pode saber, por isso, vou escondê-lo, se ele vir você com certeza vai comê-lo. O gigante chegou, fazendo muito barulho, a mulher havia escondido João num armário. O gigante rugiu:

- Sinto cheiro de criança!

E farejou em todos os cantos à procura de uma criança que estivesse escondida ali, a mulher adiantou-se e respondeu para o gigante:

- Este cheiro é da comida com que irei servi-lo, sente-se à mesa, meu senhor.

O gigante comeu o saboroso alimento, depois ordenou a uma galinha prisioneira que pusesse um ovo de ouro, e a uma harpa que tocasse uma bela melodia. Então, o gigante adormeceu em poucos minutos, vendo que a mulher havia se esquecido dele, João saiu do armário e, rapidamente, libertou a galinha e também a harpa. Mas a galinha fez um som estridente, por isso, o gigante despertou, com a galinha debaixo do braço e a harpa na outra mão, João correu e o gigante foi atrás dele. João chegou primeiro ao tronco do pé de feijão e deslizou pelos ramos, quando estava quase chegando ao chão, gritou para sua mãe, que o esperava:

- Mamãe, vá buscar um machado, tem um gigante atrás de mim!

Com o machado João cortou o tronco, que caiu com um estrondo, foi o fim do gigante. E todas as manhãs, a galinha põe ovos de ouro e a harpa toca para João e sua mãe, que viveram felizes para sempre e nunca mais sentiram fome (JACOBS, 2016, p.16).

Nessa história nós utilizamos os personagens: João, o gigante e a mulher grande. Notamos que através deles poderíamos desenvolver a percepção de intensidade nos alunos, assim João representou o som fraco e o gigante e a mulher grande representaram o som forte.

Durante a contação da história as falas de João eram ditas por nós de forma fraca e seus passos também eram imitados por nós com menor intensidade. No momento das falas do gigante e da mulher grande colamos mais força em nossa voz, bem como em nossos passos no momento da história em que esses dois personagens andavam. Brito (2003, p. 163) fala que devemos trabalhar com histórias “que permitam que se dê atenção à sonorização”, as maneiras que utilizamos para trabalhar com essa sonorização também continuam sendo afirmadas por Brito (2003).

Também podemos explorar os sons produzidos com o corpo: batendo palmas de diferentes maneiras (palmas abertas, em forma de concha, com a ponta dos dedos na palma, com suavidade, com força), batendo nas pernas, no peito, batendo pés, produzindo estalos... (BRITO, 2003, p. 163).

O corpo simboliza assim uma rica fonte, dos mais diversos sons, bem como em nosso caso da representação da Intensidade. Enquanto contamos a história, as crianças também participaram conosco imitando as vozes e os passos de João e dos outros personagens, dessa forma elas puderam aprender mais sobre o que é Intensidade, pois ao se envolver na história a criança “ [...] desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, e perguntar, questionar.... Pode se sentir inquietada, cutucada” (ABRAMOVICH, 1997, p. 143).

Na nossa aula de número 5, trabalhamos um outro parâmetro, a Altura, na qual o som “pode ser grave ou agudo” (ZIMMERMANN, 2011, p.53), para iniciar esse tema optamos pela história *Cachinhos dourados e os três ursos* (2016), a mesma tem aspectos que usamos para fazer uma alusão nítida ao som grave e ao som agudo, a histórias assim se sucedeu:

Era uma vez três ursos, papai urso era grandão, mamãe urso era um pouco menor e o bebê urso era bem pequenininho. Papai urso tinha uma tigela de mingau grandona, a tigela da mamãe urso era um pouco menor e o bebê urso tinha uma tigelinha. Mamãe urso encheu as tigelas com mingau quente, foram dar uma volta, enquanto o mingau esfriava. Então, cachinhos dourados chegou e, não vendo ninguém na casa, entrou. Vendo o mingau, cachinhos dourados provou da tigela do papai urso, estava muito quente. Aí provou o mingau da tigela da mamãe urso, estava muito frio, depois provou da tigela do bebê urso. Hum! Estava uma delícia, comeu tudo! Cachinhos dourados foi sentar na cadeira do papai urso, era muito alta. Depois, sentou na cadeira da mamãe urso, era muito larga. Então, jogou-se na cadeira do bebê urso, que se quebrou toda. Cachinhos dourados ficou com sono e foi deitar-se na cama do papai urso, era muito dura, depois deitou-se na cama da mamãe urso, achou macia demais, então deitou-se na cama do bebê urso. Achou-a muito aconchegante, aí ela adormeceu. Os três ursos voltaram com fome.

- Alguém comeu o meu mingau! Rosnou o papai urso.

- Alguém comeu o meu mingau! Falou a mamãe urso.

- Alguém comeu o meu mingau! Disse o bebê urso, e completou: - E comeu tudo!

Os três ursos viram que tudo estava fora de ordem.

- Alguém sentou na minha cadeira! Rosnou o papai urso.

- Alguém sentou na minha cadeira! Reparou a mamãe urso.

- Alguém sentou na minha cadeira! Disse o bebê urso, e completou: - E está toda quebrada!

No quarto, papai urso rosou: - Alguém deitou-se aqui!

E a mamãe urso falou: - Alguém deitou-se aqui.

E o bebê urso disse: - Alguém deitou-se aqui e ainda está deitada.

De repente, cachinhos dourados acordou e viu os três ursos à sua frente. Ficou tão assustada que saiu correndo para casa. Nunca mais cachinhos dourados entrou na casa de outras pessoas sem avisar (CACHINHOS...,2016, p.16).

Contamos essa história utilizando as figuras de três ursos em tamanhos diferentes, como os personagens da história, um urso maior representando o papai urso, um urso médio representando a mamãe urso e um urso pequeno representando o bebê urso. Usando o tamanho dos próprios personagens nós fizemos uma alusão à

altura do som, assim ao nos referirmos ao papai urso, nós falamos com uma voz grave, ao falarmos da mamãe urso usamos uma voz média e falamos com uma voz bem aguda quando nos referirmos ao bebê urso.

A nossa utilização dos personagens da história para trabalhar a altura dos sons, é uma prática que podemos considerar bastante satisfatória pois: “As histórias representam um meio eficiente de se trabalhar conteúdos musicais como percepção, caráter expressivo e forma” (REYS, 2011, p.70). Assim sendo, com uma história podemos aguçar a percepção da criança e ajudá-la a fazer uma relação do que está sendo contado com o que se pretende ensinar.

Tratando de maneira direta com o ensino de um tema, Frederico (2007) afirma que uma história além de trabalhar aspectos sonoros, dinâmica, timbre e duração pode também ser útil para ensinar sobre altura.

Em *Cachinhos Dourados e os Três ursos* além dos personagens usados por nós para ensinar sobre a altura, notamos também que essa história possuía um número considerável de falas para cada personagem, dessa forma podíamos utilizando nossa voz, enfatizar ainda mais a altura correspondente para cada personagem, pois as falas se repetiam em demasiado no decorrer da história, assim trabalhamos de forma mais efetiva esse parâmetro do som.

Na nossa aula seguinte, que tratou sobre a flauta, escolhemos a história *O flautista de Hamelin* (2016b) dos Irmãos Grimm para introduzir o assunto, ela explicitamente trata desse instrumento, pois:

Era uma vez uma cidadezinha muito tranquila chamada Hamelin. Um dia, os ratos invadiram a cidade, incomodando todos os moradores. Os moradores tentaram acabar com os ratos, e nada, reclamaram para o prefeito que prometeu dar um baú cheio de ouro para quem conseguisse expulsar os ratos. Então, um rapaz do povoado veio até o prefeito e disse:

- Tocando a minha flauta, eu posso mandar os ratos embora.

Começou a tocar a flauta e os ratos saíram dos buracos e das tocas. O rapaz foi andando para fora da cidadezinha e os ratos, enfeitiçados pelo som da flauta, seguiram-no. O rapaz levou os ratos para bem longe e a cidade ficou livre de todos eles. Ao retornar para pegar a sua recompensa, o prefeito não quis entrega-la ao flautista. Achou que o rapaz não merecia um baú cheio de ouro, só porque ele havia tocado uma simples flauta. Numa noite, enquanto todos dormiam, o rapaz tocou a sua flauta novamente. Todos os meninos da cidadezinha se levantaram e saíram de suas casas, e seguiram o flautista para um lugar desconhecido. Os habitantes furiosos, foram reclamar para o prefeito, porque suas crianças tinham desaparecido. O prefeito mandou chamar o flautista e prometeu, mais uma vez, que entregaria a recompensa se ele trouxesse de volta as crianças da cidade. O rapaz tocou a sua flauta e as crianças, uma a uma, voltaram felizes para as suas famílias. A cidadezinha voltou a ser tranquila e feliz como antes e o flautista, muito rico, ajudou muita gente durante toda a vida (GRIMM; GRIMM, 2016b, p.16).

A história foi contada por nós com a utilização de uma flauta doce, para ser tocada no momento em que o flautista de Hamelin executava o seu instrumento e os alunos participaram sendo os ratos e as crianças da cidade. Interessante notar como uma história pode ser tão musical, pois “ a música e a história ao se articularem entre si criam uma nova situação em que o som é da história e a história é o som em movimento” (SCHÜNEMANN; MAFFIOLETTI, 2011, p. 122).

Nesse caso a música e a história se articularam de forma primorosa, pois a história *O flautista de Hamelin* possui elementos ricos musicalmente falando, a flauta é o primeiro deles, além da própria anatomia do instrumento que mostramos aos alunos, o seu som foi bastante explorado por nós todas as vezes que a tocamos durante a história. Outro elemento musical da história é o músico que toca a flauta, que através da história as crianças aprenderam que se chama flautista.

Todos esses aspectos sendo trabalhados aprimoramos aprendizado da criança, pois unir história e música “possibilita ao aluno explorar sua autonomia, desenvolvendo e exercitando sua memória, seu raciocínio, sua capacidade de percepção e sua criatividade” (BERGMANN; TORRES, 2009, p. 197), assim através de uma história, muito está sendo trabalhado para que a criança aprenda da música.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Especificamente discorrendo dos temas tratados neste trabalho, constatamos que a literatura infantil desde sua criação é uma fonte rica para o ensino-aprendizado e que com sua função pedagógica, na qual encontramos características singulares, o professor de música pode ter aulas mais eficientes.

Acreditamos que aprofundamos de maneira eficiente neste trabalho, nosso estudo sobre a interdisciplinaridade, sua definição e aplicação, bem como a relação interdisciplinar direta e contínua que a música tem com outras áreas do conhecimento e a abertura que a educação musical possui para a prática interdisciplinar em sala de aula.

Em nosso terceiro capítulo, separamos um tópico para relatar alguns exemplos de livros da literatura infantil que fazem uma alusão nítida sobre conteúdos musicais e assim se relacionam diretamente com a música. Nosso desejo foi mostrar aos leitores do trabalho, as inúmeras possibilidades de obras que podem ser utilizadas em uma aula de música e também estimular os alunos a pesquisar outros livros com esta mesma perspectiva e usá-los em suas aulas, acreditamos que cumprimos nosso objetivo quanto a este ponto.

No último capítulo, nossa escrita se direcionou para o relato de nossas aulas, na qual aplicamos a literatura infantil como contribuição no ensino de conteúdos musicais. Nossa prática foi bastante positiva, cremos que fomos bem-sucedidos na escolha das histórias que ajudaram no aprendizado dos temas musicais, assim como nas maneiras que escolhemos para contar as histórias e dessa forma usufruir seus detalhes como contribuição aos temas.

Podemos considerar que ocorreu o aprendizado efetivo dos conteúdos musicais por parte dos alunos, pois os mesmos demonstraram o entendimento dos temas, ao responderem de forma precisa a nossas perguntas e as atividades propostas, bem como no nítido progresso que demonstraram com o decorrer das aulas e o aumento da complexidade dos temas. As histórias usadas foram sem dúvida, decisivas para esse aprendizado, pois muitos alunos respondiam nossas perguntas sobre os conteúdos musicais, utilizando os personagens das histórias como referência.

Uma barreira que surgiu durante a prática de nosso trabalho, foi o número de aulas, acreditamos que se tivéssemos mais aulas com a turma do 1º ano B,

poderíamos aprofundar cada temática musical e usar muito mais história infantil e consequentemente ensinar de forma mais efetiva.

Esperamos que este trabalho impulse o trabalho de estudantes e professores de música, através do uso da interdisciplinaridade em suas aulas, tendo não somente a literatura infantil como principal opção, mas utilizando diversas áreas do conhecimento como apoio no ensino musical.

Diante de todos os estudos e práticas realizadas, podemos considerar como conquistados importantes resultados e objetivos. Acreditamos que este trabalho foi de grande importância para o desenvolvimento da educação musical e esperamos que ela possa ser um incentivo a prática dos docentes da área, bem como aos pesquisadores em música.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 4. ed., São Paulo: Scipione, 1997.
- ANDERSEN, Hans Christian. **O Rouxinol**. Blumenau, SC: Todolivro, 2016.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- ASSEBURG, Janaína Machado. **A orquestra apresentada para crianças: uma análise de cd's**. 2009. 97f. Monografia (Graduação em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/18626>. Acesso em: 25 jan.2019.
- BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BELINKY, Tatiana. **Coral dos bichos**. Ilustração: Jotah. São Paulo: FTD, 2000.
- BERGMANN, Leila Mury; TORRES, Maria Cecília A. R. Vamos cantar histórias? **Revista Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 187-201, maio/ago. 2009.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Ampliação do ensino fundamental para nove anos: 3º relatório do programa**. Brasília: MEC/SEF, 2006.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Trilhas. **Caderno de orientações: histórias clássicas**. São Paulo, SP, 2011.
- BRITO, T. A. de. **Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança**. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- CACHINHOS dourados. Blumenau, SC: Todolivro, 2016.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010.
- CAIADO, Elen Campos. **Como contar histórias**. [201-]. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacoes/como-contar-historias.htm>>. Acesso em: 03 mar. 2019.
- COELHO, Nelly Novaes, **O conto de Fadas**, São Paulo, Editora Paulinas, 2008.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

DOMINGUES, Cristiane Lumertz Klein. A importância da imaginação na educação. **Revista Analecta**. Paraná, v. 11, n. 2, p. 11-22, jul/dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/analecta/article/view/2714>. Acesso em: 13 jun. 2018.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. A aquisição de uma formação interdisciplinar de professores. In. FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Didática e Interdisciplinaridade**. 9. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005. Cap.1, p. 11-20.

FREDERICO, R. O conto sonoro, uma forma de explorar a escrita musical. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: Unicamp, 2007. p.90-98. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss18_02.pdf. Acesso em: 20 fev. 2019.

FREIBERGER, Rita de Cássia Castiglia. **A literatura infantil como aliada ao desenvolvimento da pedagogia de projetos interdisciplinares**. 2010. 49f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71907/000880276.pdf?seque>. Acesso em: 21 jun. 2018.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Interdisciplinaridade, música e educação. **Revista Opus**. Goiânia, v. 16, n.1, p. 30-47, jun. 2010. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/224/203>. Acesso em: 20 set. 2018.

GERONA, A.P. C; MARANGON, M. D. F. **A leitura de contos clássicos feita pelo professor nas séries iniciais (2ºano)**. 2012. 92 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Lins, Lins-SP, 2012. Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/54804.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2018.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Revista Pro-Posições**. Campinas, v. 22, n. 2, p. 75-92, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643263>. Acesso em: 13 jun. 2018.

GOMES, Nelson Manuel Padilha de Menezes. **A música nas políticas culturais em Portugal**. 2011. 89f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Políticas Públicas) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3819/1/MUSICA_NGOMES_V3.pdf. Acesso em: 18 set. 2018.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **O flautista de Hamelin**. Blumenau, SC: Todolivro, 2016.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Os músicos de Bremen**. Blumenau, SC: Todolivro, 2016a.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

HUNT, P. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

JACOBS, Joseph. **João e o pé de feijão**. Blumenau, SC: Todolivro, 2016.

JAPIASSÚ, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LEARDINI, Eleusa Maria Ferreira. O contar histórias finalidades e contribuições para a criança. In: LEARDINI, Eleusa Maria Ferreira. **O contar histórias na educação infantil: em estudo acerca dos valores atribuídos por professores sobre a importância dessa prática para o desenvolvimento da função simbólica**. Campinas: UNICAMP, 2006.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. O ensino da música na escola fundamental: dilemas e perspectivas. **Revista educação**. Santa Maria. v. 28, n- 1, p. 101-112. jan./jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/4329/2549>. Acesso em: 10 set. 2018.

LUSTIG, A. L.; CARLOS, R. B; MENDES, R. P.; OLIVEIRA, M. I. Criança e infância: contexto histórico social. In: SEMINÁRIO DE GRUPOS DE PESQUISA SOBRE CRIANÇAS E INFÂNCIAS, 4., 2014, Goiânia. **Anais** [...] Goiânia: UFG, 2014. Disponível em: <http://www.grupeci.fe.ufg.br/up/693/o/TR18.1.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2019.

MED, Bohumil. **Teoria da música**. 4. ed. Brasília, DF: Musimed, 1996.

MENEGOLLA, Maximiliano. SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?** 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

OS TRÊS porquinhos. São Paulo: Brasileitura, 2007.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade: conceito e distinções**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: EducS, 2008.

PONSO, Caroline Cao. **Música em diálogo: ações interdisciplinares na educação infantil**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PONSO, Caroline Cao. Poemas, parlendas, fábulas, histórias e músicas na literatura infantil. **Música na Educação Básica**. Londrina, v. 3, n. 3, p. 96-107, set. 2011. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed3/pdfs/artigo7_3.pdf. Acesso em: 20 jan. 2019.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 2011.

PROKOFIEV, Sergei. **Pedro e o lobo**. Tradução de Monica Stahel. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

REYS, Maria Cristiane Deltregia. Era uma vez... Entre sons, músicas e histórias. **Música na Educação Básica**. Londrina, v. 3, n. 3, p. 68-83, set. 2011. Disponível em: < http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed3/pdfs/artigo5_3.pdf >. Acesso em: 24 jan.2019.

RODRIGUES, Jaqueline Lira. **Contação de histórias na educação infantil: uma experiência na prática docente**. 2011. 46f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2011. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1963/1/PDF%20-%20Jaqueline%20Lira%20Rodrigues.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2018.

SANTOS, Natália Santana dos; COSTA, Lorena Benjamin Gonçalves. Educação musical e Interdisciplinaridade: uma experiência com canto coletivo. In: EXPOPIBID, 2015, Recife. **RESUMOS**. Recife: UFPE, 2015. Disponível em: https://www3.ufpe.br/pibid/images/EXPOPIBID_2015/musica/PIBIDMUSICA_Comunicacao_oral.pdf. Acesso em: 20 set. 2018.

SCANTAMBURLO, Sonia Cristina. **A literatura infantil como instrumento para o desenvolvimento do hábito da leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Medianeira, 2012.

SCHAFER, R Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Unesp, 1991.

SCHAFER, R. Murray. **A Afinação do Mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. Tradução Maria Trench Fonterrada. São Paulo: Unesp, 2001.

SCHÜNEMANN, Aneliese Thönnigs ; MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. Música e histórias infantis: o engajamento da criança de 0 a 4 anos nas aulas de música. **Revista da ABEM**. Londrina, v.19, n.26, p. 119-131, jul/dez. 2011. Disponível em: < <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/179/114>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

SEABRA, Joana Miguel. **Criatividade**. 2007. Disponível em: < <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0104.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

SEIDEL, E. S. **O professor, a história e a criança: as aventuras e desventuras entre o Era uma vez e o Foram felizes para sempre**.2007. 231f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em:<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/89670/245025.pdf?sequence=1>. Acesso em: 08 out. 2018.

SISTO, Celso. **A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil**. 2010. Disponível em: <http://www.artistasgauchos.com.br/celso/ensaios/artecontarhist.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2019.

SOARES, Maura Aparecida; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. A Utilização da Música no Processo de Alfabetização. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. São Roque, v. 3, n. 1, p.1-14, 2012. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Maura.pdf>. Acesso em: 08 set. 2018.

SOUZA, Damaris Leme de. **Literatura infantil: origens e contribuições na educação infantil**. 2016. 47f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/144023/000869945.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 jun. 2018.

SOUZA, Jusamara. O cotidiano como perspectiva para a aula de música, In: SOUZA, Jusamara. (org). **Música, cotidiano e educação**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

SWANWICK, Entrevista com Keith Swanwick sobre o ensino de música nas escolas. **Revista Nova Escola**, n. 229, jan./fev. 2010. Entrevista concedida a Ana Gonzaga. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1017/keith-swanwick-fala-sobre-o-ensino-de-musica-nas-escolas>. Acesso em: 4 fev. 2018.

TAVARES, Rosilene. **Didática geral**. Belo Horizonte: Editora. UFMG,2011.

TENROLLER, Daiane Cristina; CUNHA, Marion, Machado. Música e Educação: a música no processo ensino/aprendizagem. **Revista Eventos Pedagógico**. Mato Grosso, v. 3, n. 3, p.33-43, ago-dez. 2012. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/974/646>. Acesso em: 19 set. 2018.

TORRES, S. M.; TETTAMANZY, A. L. L. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, v. 4, n. 1, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/5844/3448>. Acesso em: 13 mar. 2019.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

WENDT, R. K. **A importância da contação de estórias na alfabetização**. 2011. 49f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/141247> Acesso em: 08 out. 2018.

ZILBERMANN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 2012.

ZIMMERMANN, Nilsa. **O mundo encantado da música: dó, ré, mi.** 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.